



# Dinamismos na História das RSCM

## Manter viva a chama



Ir. Kathleen Connell, RSCM  
centro de Espiritualidade Jean Gailhac - Portugal

BRITISH IN ROMANIA

BY G. B. BURNETT

1914

1914

1914

# **DINAMISMOS NA HISTÓRIA DAS RSCM**

**Manter viva a Chama**

**Ir. Kathleen Connell, RSCM**  
**Centro de Espiritualidade Jean Gailhac - Portugal**

Reprodução no Brasil da versão Portuguesa  
Religiosas do Sagrado Coração de Maria  
Província Brasileira  
Fev./ 2013



## DINAMISMO NA HISTÓRIA DAS RSCM

### MANTER VIVA A CHAMA

#### 1. “Faço sempre o que é do agrado do meu Pai”. (Jo 8,29)

Sinto-me muito feliz por voltar a Portugal e também muito grata ao Centro de Espiritualidade Jean Gailhac por me ter convidado a estar convosco, apesar de todo o esforço que vai exigir a tradução de inglês para Português. A minha boa amiga, Rosa do Carmo, ficava muito aborrecida comigo por eu só falar Inglês (uma língua que ela mal falava). Só pouco a pouco conseguiu manter o que ela chamava uma “conversação” quando percebeu que a minha limitação para as línguas não era uma *recusa* deliberada em falar outras línguas, mas uma *incapacidade* para tal. Por isso, fico grata às minhas tradutoras e às irmãs também, porque vão ouvir-me *duas vezes!*

Ao mesmo tempo, tenho a vantagem de vos falar sobre o NOSSO carisma e a NOSSA história – não uma história que pertence só à França ou à Irlanda ou a Portugal, mas a NOSSA história, pois a pertença à congregação dá-nos a todas o direito de reivindicar a história da família com todos os nossos “pontos fortes característicos e fraquezas contínuas”, como diria a Patrícia Connor, pois quer os pontos fortes quer as fraquezas abundam na história de todas as famílias. Por isso, quero simplesmente partilhar convosco a nossa história, como uma irmã fala com outra, de coração para coração.

A nossa história ainda está muito viva para todas nós porque, ao longo dos anos, desde a nossa fundação, todas as irmãs têm mantido Viva a Chama – através das suas vidas, do seu exemplo, dos seus escritos, da sua liderança, do seu sofrimento, do seu amor ao Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Começo este encontro, acreditando que já há um fogo, no coração de cada uma. Tudo o que vou procurar fazer é soprar-lhe, para o transformarmos em chama. Há tantas histórias maravilhosas para contar, antepassados memoráveis ao longo destes 163 anos! Decidi contar-vos a história cronologicamente – escolhendo partes de cada um dos quatro volumes de *Uma Caminhada na Fé e no Tempo* como o meu guia. Sei que muito do que vou dizer, é-vos familiar, mas espero que também possam ouvir alguma coisa de novo.

O Volume I da nossa História abrange menos de 70 anos dessa história e é quase todo dedicado à França e, embora haja uma referência a Montpellier e Toulouse e a algumas pequenas aldeias vizinhas do sul de França, Béziers é que está no coração da nossa história – Béziers, sobretudo o quarteirão da cidade onde vivia e tinha a sua Igreja, a família de Jean Gailhac, onde foram abertos o Refúgio e o Orfanato em 1834 e onde a chegada das nossas primeiras irmãs transformou o Bom Pastor na Casa Mãe das RSCM.

As pessoas que encontramos neste primeiro volume têm um papel essencial no início da nossa história. Nesta primeira abordagem falarei de Jean Gailhac, Appollonie Cure Pellissier e o homem que foi o elo entre eles – grande amigo de um e marido querido de outra: Eugène Cure.

Recentemente tenho pensado no que um poeta inglês tantas vezes escreveu: “a criança é pai para o homem”, como a infância é importante na estruturação da pessoa em que nos tornamos. Isto me levou a uma nova apreciação da infância de Gailhac. Como ele era uma criança fora do normal! Teve a sorte de encontrar dois mentores que vieram a ter grande influência na sua vida – a mãe e o pároco, Abbé Martin.

A compaixão que a mãe tinha pelos pobres certamente influenciou a generosidade espontânea de Gailhac pelo rapaz que não tinha sapatos e a criança a quem deu o seu par de calças de veludo novinho. O cuidado da sua mãe pelos doentes era bem conhecido dos vizinhos. A sua certeza encorajadora: “Coragem, Gailhac! Deus é mais forte do que qualquer ser humano” esta expressão era tão frequente nos primeiros anos da nossa história, que a sua origem até foi atribuída, por engano, a uma irmã que viveu numa geração posterior.

Coincidência ou parte do plano de Deus que a casa de Gailhac ficasse mesmo do outro lado do adro da Igreja de St Aphrodise?

O pároco, Abbé Martin, mostrou sempre um grande interesse pelo jovem Gailhac. Como um avô prudente e sábio, encheu a cabeça do rapaz com histórias de padres franceses como ele que, durante a Revolução, foram incapazes de comprometer as suas consciências, e por isso exilados do seu país, para Inglaterra, para a Bélgica, ou para as Ilhas do Canal, ou, alguns como o próprio Abbé Martin, para a distante Roma onde descobriram um



Igreja que não era gaulesa (não exclusivamente francesa), mas *universal*; abarcava o mundo inteiro.

Talvez, também, tenha sido com o Abbé Martin que o jovem Gailhac aprendeu a tomar consciência das mulheres e crianças que viviam nas ruas de Béziers, e a vê-las, não com ares de julgamento mas com olhos de compaixão e com um coração determinado a aliviar, um dia, o seu sofrimento. Muitos anos mais tarde, Gailhac escreveu ao Cardeal Hohenlohe: “Ainda muito jovem, mesmo antes de ser padre, Deus inspirou-me o desejo de abrir uma instituição para salvar as mulheres que viviam tão desprotegidas no mundo”. (GS/7/III/81/A)

Mas eu fico mais impressionada pelo fato mencionado, tanto pelo P. Gibbal como pelo P. Maynard nas biografias que escreveram, que Gailhac, desde a idade dos 7 anos, ajudava à Missa das 5h00 da manhã em St. Aphrodise, *todos os dias*. Imagino este jovenzinho, ajoelhado no fundo do altar, a olhar para a cara do Abbé Martin e a escutar as palavras quase silenciosas da consagração, e sentindo um enorme espanto. Como é que este jovem, piedoso e sensível podia ficar indiferente a esta experiência diária?

Maynard diz-nos que Gailhac tinha um pequenino altar em sua casa e costumava fazer de “padre” com os paramentos em papel, como os padres franceses faziam no exílio.

Talvez fosse esta genuína bondade que levou Gailhac em adolescente à tentação experimentada por muitos santos e até por pessoas como nós: um profundo sentido de que não somos dignos de receber um chamamento especial de Deus e que Deus está enganado. Gailhac refere-se a este período da sua vida ao bispo, numa carta datada de janeiro, 1877:

*“Muito jovem ainda,...depois de ter lutado contra a inspiração de Deus, por estar persuadido que era preciso ser muito santo para se ser padre; quando, dizia eu, depois de ter lutado, fui pressionado pela Graça de Deus...”* (GS/1/I/77)

Esta graça de que Gailhac fala e que o levou não só à decisão e vir a ser padre, mas, gradualmente mudou a compreensão que Gailhac tinha da vida cristã que, em último caso não era apenas em termos de ser digno ou indigno, heroísmo ou apelo, sucesso ou falha. O amor de Deus por nós é incondicional e o que importa é a vontade de Deus, a escolha de Deus.



S. Paulo, cujas cartas de Gailhac cita mais do que qualquer passagem do Novo Testamento, certamente também percebeu isto. Foi também esta a experiência de Paulo, e disse-o, de formas diferentes, à comunidade primitiva cristã que ele fundou. Gailhac descreve a sua própria experiência desta forma: *“Deus, na Sua infinita misericórdia e para glória do seu nome, querendo mostrar que só Ele é o autor de todo o bem... designou chamar-me, o menor de todos, para fazer o seu trabalho. Escolheu-me, para provar mais uma vez que só Ele é o principio e o fim de todo o bem.”* (GS/16/I/79/A)

Foi Deus que o chamou, apesar de (ou talvez por causa de) se sentir indigno. Depois de muito sofrimento, Gailhac compreendeu que Deus o chamava a ser padre. Deus dar-lhe-ia a graça para ser um padre santo. Gailhac diz aos seus pais: *“Quero ser padre. Mas não o serei para vós, sê-lo-ei só para Deus.”* (Maynard, 15)

Esta decisão marcou uma mudança importante na vida de Gailhac e não apenas porque foi uma escolha para ser padre. Começa a tomar decisões importantes, mas só depois de uma espera atenta. Aos poucos parece entender que pertence a Deus e é Deus que decide o seu futuro. A determinação de Gailhac para *discernir a vontade de Deus* e, então, com todo o coração *cumpri-la*, dá-lhe uma energia e um zelo santo. Talvez isto se explique pelo fato de, por vezes, na sua vida, seguir por direções surpreendentes. Por exemplo, podia ter sido professor no seminário por muito tempo, mas nunca pareceu muito entusiasmado a isto. Pelo contrário, depois de uma temporada a trabalhar no hospital da cidade, o Hôtel-Dieu, como substituto, pede ao seu bispo para considerar a possibilidade de se manter como capelão do hospital, *pois Deus chamava-o a esse serviço*.

Anos antes, tinha pensado num compromisso missionário, mas em 1830, depois do seu amigo de seminário, P. Dalmond, ter preparado alguns aspectos práticos e ter tentado recrutá-lo para ser missionário em Madagascar, Gailhac desapontou-o:

*Não vendo claramente a vontade de Deus, Gailhac não podia dar uma resposta imediata. Durante mais de um ano refletiu nessa decisão a tomar. Sentiu que nada de humano o impedia, mas não era claro que Deus o chamasse a partir para as missões. Finalmente, concluiu que deveria ficar em Béziers. (vol 1,26)*

O P. Dalmond não compreendeu. Conhecia o caráter de Gailhac e a sua enorme generosidade para com o povo de Deus, por isso escreveu-lhe:

*Meu querido amigo, está à espera que Deus lhe fale? Há um ano que anda a consultá-Lo e ainda não é capaz de decidir se é bom ou mau ir pregar o caminho do Céu a milhões de pessoas que andam perdidas por falta de um pregador...depois de um ano de decisão ainda não sabe se deve ir ajudá-los? Diz-me que não são motivos humanos que o impedem, então porque quer sacrificar as almas que estendem as mãos pedindo que os ajude? Está à espera que Deus lhe fale? Oh, a cobardia deste Clérigo francês!  
(26 julho, 1830, Arq. Hist./Cong., vol. II-F, 38,39).*

Acho que este foi um tempo muito importante na vida de Gailhac e por isso o sublinho. Reconhece que o “ato heroico”, a “coisa difícil” não é necessariamente o melhor. Fazer a vontade de Deus é o que agrada a Deus. Só Deus importa. Uma vez que a vontade de Deus era clara, Gailhac não tinha medo, não vacilava porque percebeu que a graça de Deus brota em abundância uma vez dito o SIM. Esta deve ter sido a fonte do seu enorme zelo. Como Jesus, Gailhac queria dizer, viver para dizer: “Faço sempre o que é do agrado do meu Pai.” (Jo 8, 29)

Podemos imaginar a experiência de Gailhac nos princípios da sua vida, durante 21 anos de ministério no Hôtel-Dieu, consolando os doentes, e acompanhando muitos da morte à Vida através do seu ministério sacramental. Como é que ali, Deus se dava a conhecer a Gailhac? Onde é que ele encontrava a promessa de Deus de uma “vida abundante” naquele lugar de sofrimento? Porém, o Hôtel-Dieu foi o lugar onde Deus quis que Gailhac ficasse, e Deus respondeu-lhe ali com sua graça.

A vontade de Deus, rezada com insistência, muitas vezes apenas parcialmente descoberta e alimentada por dentro, mesmo até durante anos, tornou-se clara de repente por meio de um intermediário – o retomar de uma velha amizade, um encontro casual com uma velha senhora americana no convés de um barco, uma percepção repentina de que a Providência há muito tempo nos chama a uma mudança de direção! Quantas vezes na história inicial da congregação lemos frases como esta: “(Apesar da sugestão do bispo) Gailhac sentiu que *não tinha ainda chegado a hora*

*de fundar uma congregação”* ou na carta que Gailhac escreve a um bispo irlandês em 1870: “*Durante muito tempo alimentei o desejo e comprometi-me na presença de Deus (enviar religiosas para a Irlanda)... ou foi o convite persistente de Miss Margaret Hennessy que levou a Comunidade a reconhecer no seu pedido, a vontade da Providência*”.

Eu normalmente pensava que Gailhac era uma pessoa que deixava as coisas para mais tarde, como eu, mas agora percebo que Gailhac procurava ver clara a vontade de Deus, esperava pela “Hora de Deus” antes de agir.

Mesmo quando trabalhou no hospital, Gailhac mantinha-se atento aos “sinais do tempo” na sua cidade natal. Ele começou a notar um aumento crescente na prostituição e o abandono das crianças, sinais seguros de um influxo de gente destituída. Talvez tenha se lembrado da sua inspiração de jovem “de um dia abrir uma instituição para jovens e mulheres desprotegidas no mundo.” Agora era a hora de Deus! E o resultado foi o Refúgio do Bom Pastor (1834). Seguiu-se, quase espontaneamente, o Orfanato.

Fundamental no discernimento de Gailhac durante os anos de 1830 e 1840, foi um casal que se tinha mudado para Béziers por volta de 1836, Eugène Cure e a sua mulher, Appollonie Cure Pellissier. Eugène e Gailhac tinham sido grandes amigos no Colégio de Béziers, mas seguiram caminhos diferentes; Gailhac para o Seminário e Eugène para a faculdade de Direito e depois, o casamento na sua cidade natal de Autignac.

Pouco depois de se terem mudado para Béziers, os Cure comprometeram-se a ajudar Gailhac na sua visão. Como casal católico, sem filhos, também eles procuravam fazer a vontade de Deus. Assumiram os sonhos de Gailhac e tornaram possível a realização dos seus ministérios. Em 1842, Gailhac percebeu que o prédio do refúgio e do orfanato se tornava pequeno e não havia dinheiro para aumentar o edifício. *Confiou na Providência* e comprou dois terrenos e começou as obras necessárias para aumentar a casa. A ajuda vinda dos seus amigos os Cure ajudou a pagar as despesas do Bom Pasteur. Os ministérios de Gailhac eram também os *seus* ministérios. *Atuando juntos, os três fizeram com que a vontade de Deus acontecesse.*



O que me admira é que os Cure apoiaram as obras de Gailhac não só por serem seus amigos mas porque sabiam que ele estava a fazer a vontade de Deus, dando resposta a cruciais necessidades da cidade. Eugène e Appollonie quiseram transformar a “visão” e os “sonhos” de Gailhac, - inspiração de Deus, - em realidade, mas respondendo eles também, à sua maneira, à vontade de Deus.

Enquanto pensava nas visitas de Gailhac à casa dos Cure durante aqueles primeiros dias, comecei a imaginar uma cena que muitas de nós podiam ter visto em filmes passados naquelas ricas mansões do século XIX. Depois de um jantar ricamente servido, os homens levantavam-se e iam para a biblioteca beber o seu brandy e fumar, enquanto as mulheres iam para outra sala, bordavam e conversavam um pouco. Mas penso que Appollonie nunca devia ter ficado sozinha depois do jantar com o seu bordado! Quando Eugène e Appollonie convidavam Gailhac para jantar, jantavam os três e conversavam juntos.

Então comecei a pensar:

Quando é que os três tiveram aquela conversa em casa dos Cure, nos Allées Paul Riquet, sobre o sonho de Gailhac que queria receber mais crianças órfãs e dar a possibilidade duma nova vida a tantas mulheres desesperadas e abusadas em Béziers? Teriam falado numa dessas noites sobre o valor da educação de jovens cristãs da classe média que, depois, já mulheres cristãs iriam se apaixonar pela justiça e compaixão pelos pobres? Quando é que discutiram o sonho de Gailhac para começar um orfanato para rapazes, dar-lhes uma casa e ensinar-lhes a tratar das vinhas e dos campos férteis?

Seguramente nos princípios de 1840, Gailhac começou a falar de seu desejo de fundar uma congregação feminina (e eventualmente outra masculina) para partilhar o seu carisma e continuar a Obra de Jesus Cristo. Os seus melhores amigos não saberiam deste sonho? Teria sido então, que Appollonie e Eugène decidiram ambos que, quando um deles morresse o outro dedicaria a vida a Deus numa congregação que Gailhac iria criar? Não é para admirar que, em 1847 Gailhac fizesse o seu testamento deixando a obra do Bon Pasteur a Eugène Cure, e que, dois dias depois da morte de Eugène, Gailhac modificasse o seu testamento deixando a obra do Bon Pasteur nas mãos de Appollonie. *Eles não foram apenas os seus melhores amigos. Foram as primeiras pessoas a conhecerem e a partilharem o seu carisma.*

Quando o Refúgio se tornou no Convento do Sagrado Coração de Maria, em Fevereiro de 1849, e Appollonie tomou o nome de Mère St. Jean e os títulos de superiora e fundadora ela continuou a cumprir a função a que Deus tinha chamado Eugène e a ela. Usou o dinheiro da herança que recebera do seu marido para financiar o sonho de Gailhac em fundar um internato e noviciado, uma colônia agrícola para rapazes órfãos, um parque maravilhoso em frente ao Convento, aumentos na casa para hospedar as mulheres mais velhas da Preservação e as Irmãs da Virgem. Pela inspiração de Gailhac *juntamente* com as doações dos Cure, a Casa Mãe, que foi o “berço do Instituto”, ficou completo e a vontade de Deus através da fundação do IRSCM, realizou-se.

Esta *atitude de discernimento* que vemos na vida de Gailhac modelou também, eventualmente, o dinamismo da história das RSCM e ajuda-nos hoje a compreender como nós, Instituto, nos movemos de um apelo a outro, de um lugar para outro. O *Discernimento está no centro da nossa vida de RSCM*. É encorajador compreender que, sobretudo desde o Concílio Vaticano II, também a nós foi dado o direito e a responsabilidade de seguir o exemplo do nosso fundador na procura da descoberta da vontade de Deus para o Instituto. Abraçando essa vontade, vamos sendo revitalizadas pelo Espírito e santificadas em todo este processo.

Não admira que uma das passagens favoritas de Gailhac no Evangelho de S. João fosse “Faço sempre o que é do agrado do meu Pai.” (Jo 8,29)

### **Para Reflexão:**

A nossa fundação só aconteceu depois de Gailhac ter a certeza que era essa a vontade de Deus e, ao longo da nossa história, as decisões importantes foram sempre precedidas pelo discernimento da vontade de Deus.

Já alguma vez pensaram na nossa história como um constante SIM a Deus? Isto tem impacto no modo como vemos o nosso passado, o presente e o futuro?

## 2. “Já não sou que vivo, é Cristo que vive em mim.” (Gal 2,20)

Na conferência anterior, falei de um tema dinâmico na vida de Gailhac que será também característico das RSCM – a procura apaixonada, em discernimento, da vontade de Deus e vivê-la, assim como uma abertura para descobri-la na oração, na Escritura, em ocasiões inesperadas, num encontro fortuito, numa surpresa catalisadora, numa mudança de lei que abre um novo espaço, numa confirmação clara de amigos daquilo que foram “sonhos” ou inspiração. Vimos como as manifestações de apoio pessoal e apoio financeiro dos Cure ajudaram a clarificar a vontade de Deus e a transformar em realidade os sonhos de Gailhac.

Quero voltar à carta que Gailhac escreveu à Irmã Eulalie, a religiosa que dirigia um Refúgio para mulheres, em Montpellier. Ele lhe pediu para arranjar abrigo para uma mulher arrependida, chamada Adelaide. Naquela altura, no começo de 1830, Gailhac pagava as despesas de treze mulheres que tinha enviado para aquele refúgio. Mas não podia pagar as despesas da Adelaide. Mais, ela já tinha estado no refúgio de Montpellier mas, quando voltou a Béziers, ficou novamente em situação de perigo. Gailhac escreve:

*Leões esfomeados rugem à volta dela e metem-lhe medo. Trêmula, ela quer fugir. Jesus Cristo pede-lhe, por seu amor, que a acolha. A natureza humana é tão fraca! Se ela continuar exposta, conseguirá resistir?*

É muito possível que a Irmã Eulalie tivesse recusado aceitar a Adelaide de volta e que essa recusa tivesse incitado Gailhac a abrir o Refúgio em Béziers em 1834. Mas o que me interessa a mim, agora, é a carta de Gailhac porque nos dá a percepção da sua espiritualidade apostólica que está no coração do nosso carisma e no centro da nossa história – o compromisso na transformação pessoal em Cristo e na transformação do mundo. (Constituições §2).

Gailhac escreve à diretora do Refúgio de Montpellier:

*Tenho um favor a pedir-lhe. Que digo eu? Não sou eu. É Jesus Cristo, o Salvador das almas...é o Redentor que lho pede. Uma das ovelhas que Ele tanto ama está em perigo. Procure ajudá-la. Adelaide é essa ovelha.*



*é por ela que lhe escrevo, é por ela que Jesus Cristo lhe suplica (carta de Gailhac à Irmã Eulalie. s.d.)*

Nesta carta, escrita quando Gailhac era ainda um padre novo, ele se identifica claramente com Jesus Cristo, o Bom Pastor. Esta será a “faceta de Cristo” específica, central a Gailhac durante toda a sua vida. Deu o nome de Bom Pastor, ao Refúgio que criou em 1834. À congregação de padres e irmãos que fundou deu o nome de Congregação dos Padres do Bom Pastor; a Regra refletia a missão partilhada com Jesus, o Bom Pastor. Em memória do Abbé Martin, Gailhac restaurou o busto do seu mentor que se encontrava no adro da Igreja de St. Aphrodise. A inscrição por baixo do busto diz:

“Este monumento foi restaurado em 1889 por um filho desta paróquia, hoje já avançado em idade, que sempre teve como modelo este *bom pastor*.” O Bom Pastor era a imagem central que Gailhac tinha do sacerdócio. Talvez por isso não associa esta face específica de Cristo às suas filhas.

Lembro-me de um padre indiano em Roma, Herbert Alphonso, S.J. que costumava falar sobre a *Vocação Pessoal*. Na sua experiência como diretor espiritual de homens e mulheres, durante muitos anos, descobriu que cada um(a) deles(as) recebia um *chamamento único* a ser reflexo de uma faceta específica de Cristo, uma disposição interior particular de Cristo. Uma vez descoberta essa faceta a pessoa era levada a reproduzi-la totalmente na sua vida tornando-a significativa em termos de vocação pessoal.

Este é o mistério que Gailhac oferece às suas filhas: Não basta estudar Jesus, imitá-Lo, segui-Lo, ou mesmo amá-Lo; é necessário entregar-se a Ele, ser uma com Jesus Cristo *vivo no presente*, e continuar a sua vida e missão.

Uma vez estive na Zâmbia com as jovens noviças africanas, para as ajudar a ler e compreender melhor as cartas de Gailhac. Disse-lhes que, às vezes, Gailhac parecia que estava a rezar alto nas suas cartas. Por isso, dei a cada uma algumas cartas para lerem e, depois de meia hora, elas voltaram para partilhar a experiência. E a única coisa que uma das noviças conseguiu dizer foi: “Eu ouvi Gailhac a rezar: Jesus é tudo. Jesus é tudo. Jesus é tudo.” (GS/1/IV/80/A). E as lágrimas correram-lhe pela face abaixo. Para

ela aquela frase era como uma mantra e Gailhac estava a rezar, de fato, com a sua filha da Zâmbia. Isto é visão de fé, o dom do Espírito que Gailhac passou para nós, RSCM e é o dom que ele quer partilhar com o mundo em que nos encontramos.

Lembro-me ainda da primeira vez que percebi que todas as frases que as RSCM usam para descrever a sua vida e missão devem ser entendidas na perspectiva deste ser um com Cristo. Por exemplo, dizemos “conhecer e amar a Deus”. É em Cristo e sendo um com Cristo que chegamos a conhecer e amar a Deus. Gailhac incita-nos: “Voltem-se para Deus, total e unicamente como Cristo Jesus, a Palavra de Deus o foi desde toda a eternidade – sempre voltado para o Pai, conhecendo, amando, admirando.”

E é em Cristo, sendo um com Ele, que testemunhamos a sua missão de “tornar Deus conhecido e amado”. Não foi este o objetivo da Encarnação - tornar o seu Pai conhecido e amado?

E quando resumimos a nossa missão com as palavras: “Eu vim para que tenham vida”, estamos a fazer nossa a declaração do próprio Jesus quando Ele falou da *sua* missão. Não é para admirar que Gailhac escolhesse as palavras citadas por João no seu Evangelho (10,10): “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância,” para logo continuar: “Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas.”

É evidente que os textos da Escritura que Gailhac mais gostava eram tirados, não dos sinópticos, mas dos escritos de Paulo e João. “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”(Gal 2,20) “ Para mim viver é Cristo.” (Fil 1,21) “ Permanecei em mim e Eu permanecerei em vós... quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim, nada podeis fazer.” (Jo 15,4-5)

A transformação em Jesus Cristo é central na visão de Gailhac e na espiritualidade das RSCM. Faz parte da dinâmica da nossa história. Nas nossas Constituições dizemos: “A nossa caminhada na fé como Religiosas do Sagrado Coração de Maria, é de total compromisso no seguimento de Jesus Cristo, *na transformação pessoal n’Ele* e na transformação do mundo.” (Const, §2). É o segredo das nossas vidas: “Integramos as nossas vidas centrando-as em Cristo cujo amor em nós é fonte da nossa fé e zelo.” (Const.§9)

Quero voltar à nossa história para dar alguns exemplos da maneira como Gailhac encorajava as suas filhas a “*interiorizar as disposições de Cristo*” e a ser um com Ele. Vou começar por Appollonie.

Espero que todas tenham tido acesso à correspondência entre Gailhac e a nossa fundadora durante a sua formação para a vida religiosa. Esta correspondência tem a forma de direção espiritual escrita, em 1849 e Appollonie já estava na Congregação há cerca de seis meses. Gailhac tinha-a nomeado superiora e fundadora. Porém, como as oito mulheres que, eventualmente iriam formar a primeira comunidade, não se tinham ainda juntado na Casa-Mãe, na primavera e verão de 1849, Appollonie não tinha tido qualquer formação formal para a vida religiosa e ainda chorava a perda do marido e a ausência da vida que juntos tinham vivido.

Gailhac começa a dirigi-la com uma certeza confiante: “Não, não me enganei. Vós sois a filha que eu pedi a Deus durante tantos anos, com tanta insistência,” e acaba a carta com um imperativo familiar: “Seja totalmente de Deus, com um amor indiviso.” (29 de Agosto, 1849). Quando Appollonie admite sentir uma certa *secura* espiritual e reza para voltar a ter o fervor – Gailhac menciona (entre outras coisas) a prática da virtude exigida pelo seu título de superiora e mãe. Desde então, torna-se claro que Gailhac não a está a preparar apenas para a vida religiosa, mas para a sua “*vocação numa vocação*”, a liderança como superiora, mãe e fundadora. “Jesus sustentá-la-á, Ele tornará as coisas simples para si,” assegura-lhe Gailhac. (4 de Setembro, 1849).

É bom lembrar que Gailhac conhecia muito bem Appollonie. Foi o seu diretor espiritual durante muitos anos e acompanhou-a na sua dor pela perda de Eugène, seu marido e o seu melhor amigo. Gailhac lembra-lhe como a sua nova vocação é bela: filha, fundadora e mãe de uma Congregação.

Na sua carta de 6 de setembro, uma carta importante, Gailhac faz “*considerações de ordem geral*”. São como passos de ação práticos, mas de uma profunda importância para a formação de Appollonie como líder espiritual. Não havia ainda a Santa Regra para guiá-la. Gailhac ainda não a tinha escrito. Fala-lhe *dos fundamentos profundos do Instituto em Jesus Cristo*. “Minha filha”, escreve-lhe, “antes de mais esforce-se por manter



uma grande igualdade de humor em todas as circunstâncias, com todas as pessoas, lembrando-se das palavras do Salvador: *"Aprende de mim que sou manso e humilde de coração"*.

Aqui está a mansidão e a humildade de Cristo! A mansidão e a humildade têm de estar na base da formação de Appollonie como líder da nova Congregação. Appollonie é desafiada a traduzir estas disposições interiores de Jesus na interação do seu dia a dia com as religiosas na nova comunidade, e com as crianças e jovens com quem trabalha.

Depois Gailhac continua com um mini-retrato da superiora que deve ser uma com Cristos manso e humilde:

*"Deverá receber todos com a mesma bondade; verá Deus em todas as criaturas; deverá suportar a sua insistência, até mesmo a sua grosseria; Deverá ficar feliz pela oportunidade de renunciar a si própria, para oferecer a Deus um pequeno sacrifício. Deverá fazer tudo o que for possível para não deixar que alguém se vá embora sentindo-se infeliz. Quando tiver de repreender alguém ou recusar um pedido, deverá fazê-lo de tal forma que a pessoa aceite bem a repreensão ou a recusa. Para isso, terá de estar unida a Jesus Cristo e deverá perguntar a si própria, com muita calma, o que o nosso amoroso Salvador faria se estivesse no seu lugar. Então sentir-se-á muito feliz.*

Gailhac terminará assim a carta: "Limito-me a este conselho, minha querida filha. É tão importante que o vejo como a base da perfeição; compreenderá como pertencer a Deus."

Desde então, o programa de direção espiritual para Appollonie é claro. Deverá ser um com Jesus Cristo e, como Ele, mansa e humilde de coração. "Sim, meu bom Pai", escreve em resposta. "É com todo o meu coração que começarei a ser digna da minha vocação." (8 de Setembro, 1849)

Muitos anos após a morte da Mère St Jean, Gailhac falava da importância da sua mansidão: "Posso falar com experiência. O pouco bem que eu possa ter feito nos 60 anos de ministério, se fiz algum bem, se ganhei corações para Deus, foi pela mansidão, bondade, paciência e uma contínua perseverança. Nada pode tanto como a mansidão quando ela tem o seu princípio no amor de Deus." (GS/9/IX/86/A).

Levanta muitas vezes a questão – como conseguiu a Primeira Comunidade das RSCM permanecer unida nos primeiros meses após a fundação. Além da Mère St. Jean, havia a Ste. Croix, a Ste. Modeste, a St. Stanislas, a St. Aphrodise, a Ste. Agnes, a St. Félix e a St. Cyprien. Eram tão diferentes nas origens e experiência, na idade e personalidade. A fundadora tinha o cargo de animar e unir esta comunidade e os trabalhos que fazia. Diziam muitas vezes que ela tinha desenvolvido este dom da liderança com a experiência que teve enquanto dirigia a casa dos Cure. Pode ser verdade. Mas eu prefiro pensar que foi a própria Mère St. Jean, transformada pelo Coração de Cristo, manso e humilde, que fez a diferença. Estava no meio das Irmãs como quem servia.

Gailhac continuava a dar direção espiritual às Irmãs por carta. Prometeu uma vez responder a qualquer Irmã que lhe pedisse um conselho espiritual, mesmo que isso lhe exigisse ficar acordado, toda a noite.

Para algumas Irmãs, Gailhac explicava, passo a passo, a caminhada para se ser um com Cristo. Escreve à sua sobrinha, Mère St. Eugène Granier: “Ser santa é copiar Jesus Cristo. Para O copiar é necessário tê-Lo diante dos olhos...Mas não basta vê-Lo. É preciso estudá-Lo e estudá-Lo sempre. Não basta estudá-Lo, é preciso meditá-Lo, é preciso saber Jesus Cristo. Mas não basta conhecê-lo, é preciso tê-lo no coração até que o amor se inflame. É preciso um amor forte, valente que se apodere de todas as potências da alma e fortaleça a vontade para pôr mãos à obra.

Gailhac continua:

*“A obra é grande e admirável, é como uma nova criação e uma Criação superior à primeira. Trata-se de nos sobrenaturalizar, mais ainda, de nos divinizar, transformando-nos em Jesus Cristo, tornando-nos um outro Jesus Cristo. Que digo? O próprio Jesus Cristo porque o esposo e a esposa são um só. E não é uma religiosa a esposa de Jesus Cristo?... A obra é grande, mas é possível com a graça de Jesus Cristo.” (GS/2/VII/77/A)*

Esta caminhada na transformação em Cristo é uma outra dinâmica na nossa história. Gailhac acreditava que todas as Religiosas do Sagrado Coração de Maria eram chamadas por Deus a ser um com Cristo vivo. “Formar totalmente Jesus Cristo em vós, viver por Ele, ser outro Jesus Cristo; é este o fim da vossa caminhada e a coroa do vosso trabalho” escrevia Gailhac às

Irmãs. A nossa história é santa – não porque as nossas Irmãs nunca tenham pecado, mas porque o Espírito está conosco, impelindo-nos para Deus.

Vou dar outro exemplo: Gailhac encantava-se com o progresso espiritual das suas filhas. Podemos confirmá-lo na correspondência com a Mère St. Liguori MacMullen. Ela foi um dos membros fundadores da comunidade de Braga, em 1887 e nomeada superiora dessa comunidade quando era ainda muito nova. Durante três décadas foi superiora em Braga e dispunha-se totalmente a atender às necessidades da comunidade, ajudando na cozinha se necessário e substituindo nas aulas alguma Irmã doente. Mas era a sua santidade que agradava a Gailhac. Para ele, ela era uma pessoa transparente diante de Deus. Em 1884, escreve-lhe:

*“É como que o receptáculo das graças de Deus. É no seu coração que Deus se compraz em as lançar e incube a Irmã de as comunicar às religiosas dessa comunidade pelas orações, exemplos e conselhos. Não esqueça que, a fim de que as graças de Deus continuem a inundar a sua alma, é preciso corresponder-lhes fielmente.” (GS/16/LX/84/A)*

Este movimento da graça, que nos transforma em Jesus Cristo, é o centro da visão de fé de Gailhac para o Instituto.”Renovem-se continuamente no espírito da vossa vocação”, escreve Gailhac; “não descanseis enquanto Jesus Cristo não estiver totalmente transformado em vós. Era este o desejo expresso quando nos encontrávamos: *“Vive Jésus”* dizia uma Irmã; e a outra respondia: *“A jamais dans nos coeurs”*”

Vou terminar com uma história que vem no volume III. Passa-se em Roma, em 1882, uns dias antes do 80º aniversário de Gailhac. O nosso Fundador tinha sido prejudicado pelo fato de um Decreto enviado para Roma em 1880, e que reconhecia o Instituto, não fazer referência a Gailhac como o fundador do Instituto. A Mère St. Félix tentou uma nova redação aonde viria o nome de Gailhac como fundador, mas sem sucesso. Decidiram então ir pessoalmente a Roma para falar como o novo Papa, Leão XIII. Conseguiram uma audiência privada com o Papa.

Durou apenas quinze minutos, mas Gailhac e o Papa tiveram uma conversa tão íntima, que ficou gravada para o resto da sua vida. Mais tarde enviou uma carta sobre este encontro às comunidades de Portugal:



*“Querem alcançar de Deus o Espírito de Jesus Cristo, seu Filho e a participação na sua vida divina. Sim, foi esta a recomendação que o Sumo Pontífice, Leão XIII, me fez por duas vezes, depois de me ter felicitado pela graça que Deus me concedeu, incumbindo-me de formar uma comunidade inteiramente dedicada a procurar a sua glória, trabalhando por conquistar as pessoas e ensinando-as a conhecê-Lo, a amá-Lo e a servi-Lo. Foram estas as suas palavras: “Deve sentir-se muito feliz por Deus o ter escolhido para uma tal obra. Pelo menos esforce-se”, disse-me duas vezes a mesma palavra “esforce-se” por incutir nas suas filhas o espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo.”*

*“Sabem muito bem, queridas filhinhas, eu nunca tive outra intenção e isso foi, desde o começo, todo o meu trabalho. Mas compreendam que, depois de ter ouvido a palavra do Vigário de Jesus Cristo, o meu coração arde no desejo de lhes ajudar por todos os meios a viverem e a se conduzirem em tudo pelo Espírito de Jesus Cristo. (GS/17/V/83/A)*

Maynard escreve mais tarde: “A memória desta audiência ficou gravada no coração de Gailhac e foi para ele uma consolação durante o resto da sua vida.” (Vol. III, p.14)

“Viver e conduzir-se em tudo pelo Espírito de Jesus Cristo”

Gailhac pôde responder ao Papa que essa era a sua única intenção e que, desde o princípio, foi tudo o que ele fez. Este apelo a ser um com Jesus Cristo é o segundo desafio dinâmico na história das RSCM.

### **Para Reflexão:**

Qual a disposição interior de Jesus Cristo com que me sinto particularmente chamada a identificar-me?

Encontro uma palavra ou versículo na Escritura que a possa descrever?

**3. “Assim poderei conhecê-Lo, a Ele, à força da sua Ressurreição e à comunhão nos seus sofrimentos, configurando-me à sua morte, para ver se posso chegar à ressurreição dos mortos” (Fil 3, 10-11)**

Até agora, já identificamos duas dinâmicas significativas na História das RSCM: a questão do discernimento da vontade de Deus nas nossas opções e ações e o nosso chamamento à transformação em Jesus Cristo. Agora, quero focar-me noutra dinâmica, aquela que vem do nosso chamamento a “revestir-se de Cristo”. É uma experiência central, não só para as RSCM, individualmente, mas também na vida das comunidades e no Instituto como um Corpo. Estou a falar do modo de “viver o mistério pascal na realidade da nossa condição humana (Const § 38) é a dinâmica de continuar o mistério pascal de Cristo vivo no meio de nós.

Provavelmente, todas estamos familiarizadas com as palavras a que Gailhac chamava “as três palavras”: “Se alguém quiser vir após mim, “NEGUE-SE A SI MESMO, TOME A SUA CRUZ E SIGA-ME” (Lc 9,23)

Gailhac desenvolveu este pensamento no seu tratado: “*O caminho infalível para o céu:*” Não há ninguém no mundo que não tenha a sua cruz. Enquanto se vive sobre a terra, depois do pecado, ela é o apanágio de todos. O rico e o pobre, o sábio e o ignorante, o rei e o escravo, o clérigo e o Soberano Pontífice...Mas, quem a leva? (em união com a missão redentora de Cristo) Quem a arrasta? Pertence-lhes escolher. (GS/25/VII/83/A)

Penso que Gailhac também podia ter incluído uma terceira escolha: ajudar os outros a levar e não arrastar a sua cruz. A Madre Joseph Butler expressou-o deste modo: “Deitar doçura e amabilidade no cálice do nosso vizinho.”

Mas Gailhac não confunde a penitência física ou o jejum com a cruz. Quando escreveu ao bispo de Liverpool a apresentar as RSCM à sua Diocese, fê-lo muito claramente: “Não praticam austeridades corporais. Como se dedicam às obras de zelo, toda a sua força e saúde são necessárias para poderem cumprir os seus muitos deveres”



O mistério pascal que as Irmãs enfrentavam nas fundações nunca foi procurado; estava presente na realidade e era reconhecido como sinal da presença de Cristo no meio delas. Deixem-me dar alguns exemplos:

A Irlanda foi escolhida como o lugar da nossa primeira fundação porque Gailhac viu nas jovens irlandesas, que entraram no Instituto como que uma nascente e reconheceu neste fato um sinal da Divina Providência. Os irlandeses tinham uma fé muito forte e as vocações para a vida religiosa eram muitas. A questão era: Onde, na Irlanda, devia ser a fundação? Mas Deus quis fazer-nos uma surpresa! Fico maravilhada com a persistência de Gailhac, da Mère Ste Croix e da Mère St. Thomas Hennessey depois de adiada a fundação em Callan. E a Irlanda falhou. Havia tantas cidades na Irlanda – Kilkenney City, Clonmel, Ardfinnan, Clontarf, Clogheen, Ballingary, Sandymount. Não foi possível concretizar qualquer uma destas tentativas até ter sido feita, finalmente, a fundação em Lisburn, uma cidade predominantemente protestante, no norte da Irlanda, numa época de grande tensão protestante e a minoria católica.

Durante esses meses de busca, a resposta da Congregação foi notável. Escreve a Mère Ste Croix: "Deus está nas dificuldades. É clara a vontade de Deus sobre uma fundação na Irlanda mas os obstáculos e mesmo as provações são necessárias para assegurar a prosperidade das nossas obras" Gailhac encoraja as comunidades: "Todos estes obstáculos nos causam dor mas não nos surpreendamos. Já há quase quarenta anos que Deus se tem servido de mim para as suas obras, ainda não consegui realizar nada senão depois de muitas e difíceis provações. Deus seja louvado!"

Ao incitar a Mère St Thomas, já então na Irlanda, a renovar todos os seus conhecimentos em ordem a um lugar para começar uma fundação, a Mère Ste Croix escreve: "Tenha muita coragem para realizar a sua missão, minha querida irmã. Não desanime às primeiras dificuldades. Deus estará consigo".

Quando o pequeno grupo de irmãs finalmente chegou a Lisburn, num dia frio e úmido em novembro de 1870, não encontrou quaisquer provisões, alimentos, aquecimento, camas ou mobília, nem mesmo uma mesa de cozinha. A superiora teve uma depressão e acabou por morrer jovem com

uma tuberculose. A escola para crianças pobres sofreu estragos e, nos dias de chuva, as crianças tinham de ir para suas casas – "Estão muito molhadas para ficarem".

Os protestantes mobilizaram-se e, por vezes, tornaram-se hostis à comunidade, atirando bombas pelas janelas. Aqueles que iam levar os mantimentos às irmãs, e até os médicos que iam ao convento ver os doentes foram atacados em retaliação pela sua simpatia com as freiras católicas. A comunidade de Lisburn acabou por ser obrigada a fugir do convento, pelo menos temporariamente. Mas as irmãs voltaram e o certo é que ainda hoje estão em Lisburn.

O convite a participar no Mistério Pascal de Cristo acompanhou as RSCM para todos os lugares para onde foram: No Porto, onde no começo as irmãs tiveram de viver sem o hábito religioso, dado o clima que as rodeava, sem qualquer sinal de identidade religiosa, sem o Santíssimo Sacramento em casa e sem clausura.

Em Bootle, onde Dominique Hoyne, um dos membros da comunidade fundadora, jovem e saudável, morreu logo no primeiro dia da casa nova.

Em Braga, onde a fundação começou no meio de grande pobreza e a cruz de pedra situada em frente da nova casa, era a única consolação das Irmãs.

En Sag Harbor, onde durante três anos, o pároco privou as Irmãs de receberem a Sagrada Comunhão. Gailhac tinha previsto todo este sofrimento. Anos antes disto acontecer. Com as palavras de Jesus escreveu à superiora: "Enviei-as como ovelhas no meio de lobos. Se me perseguiram a mim, também vos perseguirão a vós, como me trataram a mim, também hão de tratar-vos, mas não tenhais medo. Eis que estou no meio de vós e sempre com os vossos sucessores, até a consumação dos séculos" (GS/18/V/80/A)

Em Ferrybank, onde a metade do novo edifício foi incendiado por um descuido de um trabalhador, pouco antes do tempo marcado para a abertura.

Em Chaves, onde as religiosas não tinham qualquer apoio espiritual e onde dominavam as influências maçônicas na Associação que dirigia a escola.

Lembro-me de um encontro que tivemos após a publicação dos dois primeiros volumes de “Uma Caminhada na Fé e no tempo”. A Ir. Mary Milligan perguntou à Ir. Rosa do Carmo e a mim: “Qual é o traço marcante que aparece na história primitiva das RSCM? E ambas respondemos: O reconhecimento alegre do Mistério Pascal na situação em que viviam, confirmando a presença de Cristo Ressuscitado no meio delas.

Pouco antes de sua morte, Ir. Rosa do Carmo confirmou por escrito este traço na sua própria vida e que apareceu no cartão de sua memória: “*Deus nunca falha. Não devemos ter medo dos obstáculos, das dificuldades, do sofrimento, da oposição. Jesus Cristo... e em tudo isto está a semente da ressurreição para a vida do mundo*”

Contudo, houve tempos de crise na nossa história em que o Instituto sofreu grandemente e não foi fácil reconhecer o Mistério Pascal. Há cerca de cem anos, aconteceu uma situação dessas em Portugal e foi aí que a experiência do Mistério Pascal foi mais profunda quando a superiora geral, Mère St. Félix teve de carregar parte da cruz junto com a Mère Ma. da Eucaristia Lencastre. Vou resumir esta situação muito complexa porque creio que todas a conhecem.

As fundações do Porto e de Braga deram poucas vocações no princípio. Por isto, a liderança nas comunidades portuguesas era predominantemente irlandesa - Mère Ste. Marie Hennessy, primeira superiora no Porto, seguindo-se à suas irmãs Mère St. Thomas. Mère St. Ligouri MacMullen, superiora em Braga, foi enviada para Viseu por pouco tempo, para substituir outra irmã irlandesa, Mère Marie Joseph Butler, tendo voltado para Braga como superiora até 1907. Mère M. Anunciation Lyhch foi superiora da nova fundação em Chaves, Mère St. Calliste Hughes foi a mestra das postulantes antes de ser nomeada mestra de noviças em Béziers, em 1896. Houve um sacerdote que escreveu um artigo num jornal irlandês, em 1890, dizendo que o Colégio Sagrado Coração de Maria em Braga era “um Ferrybank português!”

As escolas portuguesas começaram a gerar vocações de jovens educadas e cultas. Elas eram enviadas para Portugal logo após terminarem o noviciado em Béziers. Por isso, entre 1896 e 1907, as irmãs, que tinham sido as



primeiras superiores em Portugal, foram enviadas em missão para fora de Portugal e toda a liderança irlandesa passou para as mãos de religiosas portuguesas: Mère Ma. da Eucaristia Lencastre, Mère São José Pancada, Mère Ma. de Jesus Perry, Mère Ma. de Aquino V. Ribeiro e outras que foram as suas assistentes.

As jovens superiores portuguesas tinham pouca ligação com a superiora geral, embora Mère St Félix tivesse visitado Portugal por três vezes, entre 1891 e 1896. Apesar dessas visitas, parecia às irmãs portuguesas que ela estava, cada vez mais longe e fora do contato com as realidades políticas, culturais e eclesiais de Portugal.

Esta rápida mudança na nacionalidade da liderança coincidiu com o que as irmãs portuguesas viveram e que consideraram como um “fardo injusto” colocado aos ombros de suas comunidades que foi a obrigação de pagar £4.000 correspondendo a maior parte de uma dívida contraída, sem licença, pela superiora de Lisburn. A Mère St Félix, superiora geral, tinha decidido que todo o Instituto assumiria a responsabilidade de pagar toda a dívida.

No princípio conseguiu confiar na absoluta discrição e colaboração de Mère St Thomas e da Mère Ligouri para incluir Portugal no pagamento dessa dívida. Porém, parece que a superiora geral decidiu não revelar às novas superiores portuguesas a decepção causada pela superiora de Lisburn nem o porquê desse novo pagamento que as comunidades teriam que arcar. As comunidades portuguesas sentiram que estavam sendo sobrecarregadas por um fardo que mais parecia um imposto misterioso sobre a Casa Mãe, em Béziers. Mère St Félix, sem qualquer diplomacia insistiu que, uma vez que tendo sido ela a comprar a propriedade do Colégio no Porto e pago todas as obras, sentia-se no direito de mandar a comunidade do Porto hipotecar o Colégio, recentemente adquirido, para pagar a inexplicável dívida.

A resistência das Irmãs portuguesas foi palpável quando, em 1896, a Mère St. Félix visitou Portugal. Ela começou a desconfiar que a nova superiora do Porto, Mère Ma. da Eucaristia fingia ter uma grande ligação com a Casa Mãe e lealdade às suas superiores pois mantinha intrigas com as outras para se desligar da Casa Mãe e transformar as comunidades portuguesas numa província, onde ela seria a provincial.

A Mère St Félix não entendeu que o pagamento da dívida de Lisburn era uma importante causa do desfeto das irmãs portuguesas. Pensava que o fardo da dívida era apenas uma desculpa para a separação desejada pela Mère Ma. da Eucaristia.

Levantou-se uma outra questão quando a Mère St. Félix fez a petição para Roma a fim de obter autorização para a abertura de um noviciado em Portugal, dado o clima violento e anticlerical em França. Esta situação era difícil para as jovens vocações de Portugal que tinham de fazer o noviciado em Béziers. Quando chegou a autorização de Roma para abrir o noviciado em Portugal, em 1903, os bispos portugueses e até o Cardeal Protetor, Cardeal Vannutelli encorajou a Mère St. Félix a ir mais longe e pedir que as comunidades de Portugal se unissem com o intuito de criar uma Província com provincial e superiores portuguesas.

A Mère St Félix percebendo que as portuguesas iam nessa direção decidiu escrever um capítulo sobre as Províncias e o introduzir nas novas Constituições, acabadas de serem aprovadas, em 1899. A sua motivação não era bem clara mas parecia que queria que a sua versão quanto ao relacionamento entre as províncias e o nível geral estivesse nas Constituições e fosse um guia de obrigações para todas as províncias que viessem a ser criadas.

Mère St Félix e sua primeira assistente, Mère Ste. Constance Farret, andavam ansiosas e desejavam que a modificação das Constituições chegasse a Roma e fosse aprovada antes que as portuguesas entrassem com o seu pedido formal. Em junho de 1904, viajaram para Roma e sentiram-se frustradas ao saber que nenhuma petição de alteração às Constituições seria aprovada sem a recomendação do bispo do lugar.

Sendo assim, voltaram à França e entregaram uma cópia da petição ao bispo de Montpellier, Mgr. Cabrières que prometeu assiná-la e ele próprio a levaria na sua próxima visita a Roma. Entretanto o bispo Cabrières perdeu o documento e precisou solicitar outra cópia. Quando recebeu o tal documento voltou a Roma e esqueceu-se de o entregar.

Em agosto de 1904, seis superiores portuguesas, com o apoio dos seus bispos, escreveram à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares pedindo



com insistência o estatuto de Província para as comunidades de Portugal.

Após uma breve investigação, a Sagrada Congregação de Roma concordou com as portuguesas e, em outubro de 1904, concedeu-lhes o estatuto de Província, mesmo sem consultar o Conselho Geral, em Béziers, nomeando Mère Ma. da Eucaristia Lencastre como Superiora Provincial e dando instruções às Irmãs de Portugal para prepararem o primeiro Capítulo Provincial em dezembro de 1904. Era um capítulo para o qual a Mère Saint Félix nem sequer fora convidada!

Mère St. Félix e Mère Ste. Constance que tinham sido nomeadas, em 1905, para o governo Geral do Instituto, ficaram muito desanimadas com a atitude de Roma e a existência desta Província Portuguesa, uma vez que não havia qualquer precedente para tal e nada nas Constituições regulava o relacionamento entre a Província e o Governo Geral. Além disso, Mère Ma. da Eucaristia tinha sido nomeada provincial pela Santa Sé, sem qualquer definição de tempo limite para o seu mandato.

Mère St. Félix e Mère Ste. Constance tinham feito tudo o que puderam mas a Sagrada Congregação dos Bispos não aceitou a introdução do capítulo sobre as Províncias nas Constituições. Durante os anos de 1904 a 1910, esta Sagrada Congregação sempre esteve do lado das Irmãs portuguesas e não do lado da Superiora Geral das RSCM e do seu Conselho.

Mère St Félix e Mère St. Constance temiam que as irmãs portuguesas se afastassem da sua autoridade e que o resto do Instituto poderia fazer o mesmo. Este receio foi a causa de um grande sofrimento para o Conselho Geral. Mère St Félix foi um dos membros da comunidade fundadora no Porto e, desde 1878, vinha servindo fielmente como Superiora Geral e Ecônoma do Instituto.

Ironicamente, foi a Revolução política acontecida em Portugal, no ano de 1910, e consequentemente a desintegração da “Província Portuguesa” que pôs fim a este impasse. As religiosas foram expulsas do país ou obrigadas a voltar para suas famílias. O Governo português apoderou-se dos prédios dos Colégios e dos Conventos.

Mère Ma. da Eucaristia foi a Béziers prestar contas do que se passava e assegurar à Mère St. Félix e ao seu Conselho a lealdade de Portugal para com o Instituto. Em fevereiro de 1911, Mère Ma. da Eucaristia voltou a Béziers e apresentou sua resignação como provincial do Instituto, em Portugal. Em troca, o Conselho geral nomeou-a como Representante da Superiora Geral em Portugal, Espanha (Tuy) e Brasil.

Esta história é um bom exemplo do Mistério Pascal vivido pelas nossas irmãs. Mère St. Félix, já com idade avançada e preocupada com o crescimento da perseguição política às Ordens Religiosas em França deixou a direção do Instituto, após a morte do Fundador.

Antes de morrer, Pe. Gailhac, a pedido de Mère St. Félix, deixou sua última mensagem ao Instituto: “União, união, caridade. Todas, todas, sempre” Em resposta ao seu pedido a Mère St. Félix desenvolveu uma maior uniformidade em toda a Congregação.

Os problemas das superiores em Portugal pareciam sanados e eram apoiadas pelos bispos do país e pela Sagrado Congregação dos Bispos, em Roma. Mère Ma. da Eucaristia tinha sido escolhida por todas as superiores portuguesas para liderança da Província com o apoio da Santa Sé. Apesar das suspeitas da Mère St. Félix, nunca foi intenção da Mère Ma. da Eucaristia separar-se do Instituto. Este tempo de sofrimento foi um tempo de provação para o Instituto do qual emergiu uma nova vitalidade.

Em fevereiro de 1911 Mère Ma. da Eucaristia não tinha ido sozinha a Béziers. A superiora de Braga, Mére Ma. de Aquino fora com ela para fazer um pedido à Superiora Geral: *“Ouvi o chamamento de Deus para partir para o Brasil. Lá, as religiosas poderão, de novo, entregar-se ao ensino e levar uma vida comunitária. Posso ir?”*

Ouviu o chamamento de ir para o Brasil e isso bastou-lhe. Talvez se tenha lembrado da segurança que Gailhac transmitiu às primeiras religiosas do Porto: “Terão sem dúvida provas, talvez até sofrimentos. O bem nunca se faz sem esta condição. Mas, se amarem a Deus, Ele aplinará todas as dificuldades e guardá-las-á no Seu Coração” (GS/17/X/71/B). A Superiora Geral foi tão sensível à simplicidade e clareza deste pedido que,

imediatamente, deu autorização. Mère Ma. de Aquino Vieira Ribeiro com mais duas religiosas partiram para o Brasil, poucas semanas mais tarde.

Mère Ma. da Eucaristia não voltou para a sua família, que era muito rica, durante os anos da perseguição. Levou um grupo de religiosas para a Espanha e procurou refúgio em Tuy.

A comunidade de Irmãs no exílio era composta de irmãs doentes e idosas e iriam viver aí até começar a Revolução em Espanha, em 1931. A Mère Ma. da Eucaristia abriu aí uma escola com internato, para onde vieram muitas alunos de Braga, Porto e Viseu. Durante o verão retomou os retiros para senhoras que Mère Ma. Joseph Butler havia começado em Braga. Em 1917, abriram um noviciado próspero em Tuy.

Comentando este período na história da província portuguesa, a grande historiadora Mère Ma. de Chantal escreve:

“O seu (da Mère Ma. da Eucaristia) cuidado por todas era tão grande que nenhuma das religiosas perdeu a vocação, durante a Revolução. E assim, humilde e agradecida pôde fazer suas as palavras de Nosso Senhor, na última Ceia: Guardei aqueles que me deste e nenhum deles se perdeu”

Com esta experiência dolorosa do Mistério Pascal, o Instituto cresceu. Talvez sem dar conta, a Superiora geral, ao conferir à Mère Eucaristia o título de “Representante da Superiora Geral” em vez de “Provincial”, encontrou uma forma aceitável de manter o Instituto unido sob a direção do Governo Geral, ao dar verdadeira autoridade às suas representantes mais próximas das comunidades.

Pouco a pouco, outras representantes foram nomeadas e confirmadas pelos Capítulos Gerais: Madre Ma. Joseph Butler, Representante da Superiora Geral nos EUA, em agosto de 1911, e em 1921, a Madre Marcella McGrath, Representante da Superiora Geral nas Ilhas Britânicas.

Outro passo foi dado em 1921, quando o Instituto se organizou em Vicariatos, tendo, cada um, uma Madre Vigária. Em fevereiro de 1938, a Sagrada Congregação, ao perceber o crescimento do Instituto, emitiu um decreto permitindo a divisão do Instituto em cinco Províncias, por número de irmãs a saber: os EUA (220), as Ilhas Britânicas (217), Portugal (170), França (110), e Brasil (80).

## **PARA REFLEXÃO:**

Olhando para trás, para a nossa história, como interpretamos tudo isto?

Não foi só com Gailhac que as irmãs aprenderam que, quando Deus chama, não falta com a sua graça. Também aprenderam que, como RSCM, são chamadas à sua transformação em Cristo, a ser um com Ele no seu sofrimento e na sua glória, não só pessoalmente mas como comunidades. De fato, a faceta mais clara de Cristo nas primeiras comunidades da RSCM é o mistério pascal, a morte e ressurreição do Cristo vivo.

Como é que Deus nos faz avançar da crise para a luz?

“Como mulheres consagradas, chamadas a viver em comunidade, aderimos na fé ao mistério da presença de Cristo no Instituto e nas irmãs com que vivemos” Const. §26



4- ***“Eu sou a videira, vós sois os ramos. Quem está em Mim e Eu nele, esse dá muitos frutos; porque sem Mim nada podeis fazer”***

Temos considerado o dinamismo da nossa história a partir de dentro, através da visão de fé de Gailhac e da forma como ele via a sua realidade: sempre sensível à vontade de Deus ao chamamento a ser UM com Cristo e a participar no Mistério Pascal de Cristo, individual e comunitariamente.

Gailhac reitera estes aspectos de sua visão de fé com passagens da Escritura de São Paulo e de São João que ele cita muitas vezes em suas cartas às religiosas: “faço sempre o que é do agrado do Meu Pai”. “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”. “Assim poderei conhecê-Lo, a Ele, à força de sua ressurreição e à comunhão nos Seus sofrimentos, configurando-me à sua morte, para ver se posso chegar à ressurreição dos mortos”.

Esta parte final começa também com uma das citações favoritas de Gailhac, tirada do discurso da Última Ceia: “Eu sou a videira, vós sois os ramos. Quem está em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer. (Jo 15,5)

Gostaria de considerar a forma como se expressa a visão de fé de Gailhac e que visibilidade lhe damos *na nossa vida de comunidade e nos nossos ministérios*.

Quantas vezes Gailhac utilizou a palavra TODOS. Para ele, nada que não seja “todas” as obras de zelo e todas as classes da sociedade é aceitável. Gailhac incluía sempre “os outros” até o ponto de formar outras categorias e agupamentos religiosos. Ele viveu para ver o Instituto crescer para além de Béziers, para contar com duas fundações na Irlanda, três em Portugal, uma na Inglaterra e uma nos Estados Unidos. Queria que o Instituto se espalhasse por todo o mundo.

Entretanto, quanto mais as religiosas se espalhavam em fundações, comunidades locais e ministérios diversos, mais Gailhac as procurava unir para serem um com Jesus Cristo. Nos EUA usa esta frase *“Et pluribus unum”*. Isto descreve claramente a atitude de Gailhac – muitas obras, mas apenas Uma Obra de Cristo, muitas religiosas em comunidade, mas um

só coração a arder com o mesmo amor. Começamos assim a compreender como as suas últimas palavras são significativas para nós: *“União, união, caridade. Todas, todas, sempre”*

Na sua excelente comunicação sobre “Unidade na Comunidade das RSCM”, apresentada às Coordenadoras de Comunidade, em Fátima, em 2002, a Irmã Luiza Maria Almendra mostrou como, desde o tempo de Gailhac, a unidade era uma dimensão intrínseca à nossa vida de comunidade e o primeiro objetivo da liderança. A comunidade é uma porque o Espírito de Jesus é o fundamento da unidade. Gailhac escreveu à comunidade de Lisburn, três meses após a sua fundação: *“Vivam numa santa amizade e que esta, como chama da divina caridade, possa fundir todos os corações num só... Vivam para Deus, de Deus e em Deus. É nele que se realiza a união de todos os corações”* (GS/21/II/71/B)

Gailhac acreditava que, como as irmãs eram chamadas a ser UM com Jesus Cristo, na comunidade, o coração de cada uma estaria inflamado pelo mesmo amor de Cristo. Ir. Luiza Almendra comenta uma citação que Gailhac acrescentou à Santa Regra e que expressa esta unidade em termos concretos:

*“O próprio Jesus rezou ao Pai por esta unidade. Ele desejava que a união das três Pessoas divinas fosse o modelo e Ele próprio, o cimento desta unidade”*

*“A verdadeira religiosa não deve se contentar em evitar os obstáculos à união dos corações, ela deve ir mais longe. Deve estar atenta às suas companheiras; deve estar sempre pronta a servi-las e ajudá-las, ensinando o que elas não sabem; sempre pronta a fazer o que lhes agrada. Chora com a que chora e alegra-se com a que se alegra... e porque sabe que Deus está no centro de toda esta unidade, trabalha para ganhar todas as suas companheiras para Deus”.*

A mesma mensagem vem nesta bênção enviada à comunidade de Lisburn, em 1884:

*“Que o Deus da paz, da união, da concórdia reine no espírito e no coração de cada uma das minhas filhas...e assim possam ser um só coração e uma*



*só alma... prontas a sacrificar-se para o bem da comunidade, preferindo aceitar tudo para não perturbar a união”.*

Também nos nossos ministérios, Gailhac promoveu a diversidade – “*todas as obras de zelo*” – mas insiste que “deve haver uma só OBRA: continuar a missão geradora de vida de Jesus Cristo”. Quanto mais diversificadas as obras se tornarem, sobretudo depois do Concílio Vaticano II, mais precisamos recordar, a nós e aqueles que trabalham conosco, que todos trabalhamos para uma só OBRA: “continuar a missão geradora de vida de Jesus Cristo: torná-Lo conhecido e amado e sermos canais da VIDA que Jesus Cristo deseja dar a todos, em abundância”.

Gostaria de voltar à segunda parte do tema que me deram: MANTER VIVA A CHAMA. Vou tentar transmitir a minha compreensão deste conteúdo falando-lhes da minha experiência nas Filipinas, no verão passado.

Como muitas sabem, já há algum tempo que, como Instituto, estamos pensando na possibilidade de uma nova fundação nas Filipinas, na Ásia. O CGA, que esteve reunido em Moçambique no ano passado, discerniu que não era este o momento para uma nova fundação nas Filipinas. O que surpreendeu as delegadas ao CGA foi terem o conhecimento de uma grande Associação muito ativa de senhoras, na Igreja das Filipinas, que tem o nome e a missão de MOTHER JOSEPH BUTLER – que nasceu na Irlanda, há 152 anos, morreu em Tarrytown em 1940 e foi a quinta Superiora Geral do Instituto (de 1926 a 1940)

Algumas das nossas irmãs das Províncias Americanas – do Leste e do Oeste- tinham estado nas Filipinas, nas últimas décadas e por isso tínhamos um certo conhecimento dessas senhoras. A Associação chama-se “Mother Butler Guild” e as senhoras se identificam como “as Mother Butlers”. Essa Associação está organizada a nível local, diocesano e nacional e possui cerca de 15.000 membros em 1000 paróquias e 43 dioceses, em todo o país. Celebraram o seu 50º. Jubileu em julho de 2011 com 6 000 membros presentes – algumas muito ricas, outras muito pobres e outras em situações diversas – O evento foi em Manilha. A Eucaristia de abertura foi presidida pelo Cardeal de Manilha, concelebrada por 84 arcebispos e bispos e com mais de 157 padres de diversos pontos das Filipinas.

Quando o CGA teve conhecimento do Mother Butler Guild e de sua contribuição vital para a Igreja das Filipinas, enviou-lhes uma carta de parabéns que terminava assim: “Saibam que as vossas irmãs, RSCM, em todo o mundo, guardam-vos no coração e estão unidas em oração neste tempo especial” E cada irmã presente no CGA assinou essa carta.

Uma vez que as “Mother Butlers” tinham me convidado para falar-lhes nas comemorações do 50º. Jubileu, o CGA encorajou-me a ir e pediu-me para entregar-lhes a carta e partilhar com os membros da Associação “a nossa fé profunda, a nossa história e carisma comuns”.

As Provinciais da PAL e da PAO pagaram-me a passagem de avião e enviaram-me como um “dom do jubileu” à celebração de Manilha. Foi um momento de graça em que pude reafirmar a admiração e o afeto que, como irmãs, as RSCM, embora tardiamente, expressavam. Disse-lhes que o CGA queria continuar em união com a Mother Butler Guild e estaria disponível para as acompanhar e envolver-se, de alguma forma, na formação de seus membros, desde que elas assim o desejassem.

O tema de minha conferência no Jubileu foi: “O CONHECIMENTO DE DEUS LEVA, NATURALMENTE, A AMÁ-LO... O CAMINHO PARA A RENOVAÇÃO INICIADO PELA MADRE BUTLER”. Quando comecei a escrever essa conferência de uma hora, percebi que a MBG gostaria de ouvir histórias de sua padroeira, Mother Joseph Butler; histórias de sua vida, de sua ligação com a Igreja; sua espiritualidade, sobretudo o seu amor pela Eucaristia; histórias sobre a sua liderança a favor da renovação.

Por outro lado, as expectativas das Provinciais americanas eram muito diferentes. Eu deveria comunicar à MBG que a Mother Butler não foi a nossa fundadora. Deveria apresentar-lhes o Padre Gailhac e o seu carisma de fundador que guiou a Madre Butler e continua a ser, no presente, o guia para as RSCM. Queria que eu lhes falasse da Declaração da Missão, das prioridades do Capítulo Geral de 2007 e que, apesar das mudanças ocorridas no Instituto, as SCM mantêm-se fiéis.

O mandato do CGA mostrou ser um grande desafio para mim. Eu tinha um grande respeito pela Madre Butler como pessoa, como religiosa e como

uma grande inovadora no campo da educação, que fundou um conjunto de escolas e faculdades Marymount, não só nos EUA, mas também nos quatro continentes. Porém, ao mesmo tempo, pensava nela como alguém que seguiu um caminho diferente do caminho traçado pelo Padre Gailhac. Como é que eu iria explicar a essas 6.000 “Madre Butthers” que celebravam o 50º. Jubileu, que o carisma da Madre Butther era uma aberração e que o carisma das RSCM era o carisma do seu fundador Jean Gailhac.

A maior parte dessas senhoras nunca tinha ouvido falar de Gailhac, por isso apresentei a Madre Butler no seu contexto de RSCM, a Família religiosa que ela vivera durante 60 anos. A partir daí, a transição foi fácil. Disse-lhes:

*“Pode parecer-vos que neste momento estou fugindo do assunto que me deram e estou falando da minha própria Congregação. Mas sabem que, quando se ama alguém, gostamos de saber tudo sobre ela – o seu passado, a sua família, os seus antepassados, as pessoas que modelaram seus valores e a visão que lhe foi transmitida de geração em geração”.*

Elas disseram que sim, com a cabeça, por isso apresentei-lhes Appollonie e Gailhac e o seu carisma de fundação.

A Mary Milligan, no seu livro “Para que tenham vida” explicou, com muita clareza os elementos essenciais num carisma de fundação: a visão de fé particular do Fundador ( que é a sua percepção da Revelação e a percepção pessoal do Evangelho formada a partir de experiências espirituais a nível pessoal) e, em segundo lugar, mas necessária, a sua aplicação numa determinada realidade que a leva à ação, ao serviço, a uma resposta concreta que se chama “missão”.

Depois então, expliquei às senhoras da MBG os aspectos centrais da visão de fé de Gailhac e a forma como ele fez esta mesma visão se manifestar numa situação concreta e histórica no século XIX, em Béziers, com as suas necessidades e características próprias, a sua Igreja local, o seu povo e as suas necessidades específicas.

Expliquei-lhes que, no tempo de Gailhac, as obras da Casa Mãe deviam ser continuadas em subseqüentes fundações na Europa e a predileção que Gailhac



tinha pelas mulheres e crianças pobres que se encontravam à sua volta. Ele também parecia reconhecer que, no futuro, as suas filhas iriam levar esta visão de fé a outras realidades, a outros tempos, a outros continentes, e ele, antecipadamente, abençoou “todas as obras de zelo” que viessem a ser feitas para “todas as classes da sociedade”

Na parte final da conferência, falei-lhes sobre a espiritualidade da Madre Butler e das suas cartas circulares ao Instituto onde ecoava a visão de fé de Gailhac que, como ela nos dizia: “tinha ouvido da boca dele” o seu sentido profundo de união íntima com Jesus que nela habitava, a sua insistência no discernimento da vontade de Deus antes de tomar decisões importantes, a sua dedicação à oração e, de uma maneira particular, à Eucaristia diária, a sua aceitação do sofrimento apostólico que a acompanhou-a durante os anos em que serviu a Congregação. E, quanto mais eu procurava entrar na sua espiritualidade mais percebia a profunda influência do Fundador.

Por que é que então o carisma do Padre Gailhac parecia tão diferente do da Madre Butler? Pela primeira vez, percebi que a diferença não estava só na visão de fé, mas na sua aplicação. O desafio que a Madre Butler enfrentou foi o de levar a visão de fé do fundador para as realidades concretas que ela teve de enfrentar – não em Béziers no século XIX – mas na sociedade americana, durante a primeira metade do século XX.

Todos os dias chegavam aos Estados Unidos milhares de imigrantes pobres. Chegavam também Congregações religiosas para tratar, quase exclusivamente, das necessidades dos pobres. A Madre Butler tomou consciência de um tipo de vulnerabilidade diferente, uma pobreza diferente. Quem iria ensinar os filhos de imigrantes com sucesso? Como seria alimentada a fé dessas crianças?

O seu primo, James Butler, conseguiu arranjar um edifício para a educação dessas crianças. O Arcebispo de Nova York concordou. O Bispo de Los Angeles pediu-lhe: “ Não encontra no seu coração vontade de vir para Los Angeles e fazer pelas crianças ricas o que São Patrício fez pelas crianças da Irlanda?”



A Madre Butler ficou atenta a estas necessidades e, em discernimento, sentiu o apelo para responder. Abriu escolas para jovens católicas “o melhor da sociedade” e ajudou-as a se tornarem mulheres católicas que amavam a Deus, líderes na sua sociedade e dedicadas ao cuidado dos pobres, sobretudo em terras de missão.

Ao encarnar a visão de Gailhac no seu próprio tempo e ao experimentar as necessidades e preocupações do mundo e da Igreja, Madre Butler deixou-nos um legado educacional, uma rede de escolas e faculdades que ainda hoje estão florescentes e, mais notável ainda, deixou em todo o mundo uma família crescendo mas que não pôde ver em vida milhares de mulheres, juntas em Associações com o seu nome, para o serviço da Igreja.

Tenho de admitir que nunca eu tinha pensado na Madre Butler como alguém que iniciou um caminho de renovação para ser trilhado por gerações futuras. Nunca tinha pensado nela desta maneira. Mas, na preparação desta conferência, quando pedia a orientação do Espírito Santo, reconheci que a Madre Butler, no seu tempo, percorreu um caminho de renovação. Ela foi profundamente fiel à visão de fé do Fundador e teve a coragem de manter viva a chama, tornando-a relevante, fazendo-a REAL nos EUA, na primeira metade do século XX.

Esse caminho de renovação que a Madre Butler percorreu é, precisamente, o caminho que as RSCM têm de percorrer ao longo da história e com uma nova energia, sobretudo depois do Concílio Vaticano II. A Mère Patricia Connor, RSCM colocou muito bem esta questão quando se dirigiu aos membros mais novos do Instituto, em Puimisson, França, em 2006 com o tema: “Espiritualidade, sentido de pertença e liderança”. Entre as quatro qualidades e comportamentos que devem caracterizar as nossas vidas, como membros do Instituto, é “a capacidade de estar abertas ao discernimento contínuo”.

“Todas nós temos a responsabilidade conjunta de discernir o chamamento de Deus – todas somos dotadas de capacidade – para, pessoalmente e como comunidade, discernimos aquilo a que Deus nos chama no momento atual, encorajadas e inspiradas pela vida do Padre Gailhac... Precisamos viver de forma a estarmos habitualmente dispostas a discernir. Lembro-me sempre da maneira como, em Itália se atende o telefone: A saudação é: “Pronto!”

– “Ready” Temos de estar prontas, atentas para escutar a voz de Deus na nossa vida de cada dia. Talvez o apelo de Deus nos chegue como uma surpresa, em tempo não esperado...”

No nosso último Capítulo Geral, de 2007, continuamos um caminho de renovação fazendo a mesma pergunta de Gailhac, da Madre Butler, da Ir. Margarida Maria Gonçalves e que todas as outras líderes RSCM fizeram, no seu tempo: “Onde é que Deus nos chama?” Quem são os que necessitam de vida – a vida que Cristo veio trazer – AGORA, na primeiras décadas do século XXI, num mundo globalizado?” E nós respondemos:

1 - Queremos “expandir os nossos horizontes” à luz do cosmos que se expande e da nossa consciência da interligação de toda a criação e integrar este novo conhecimento na nossa espiritualidade.

2 - Queremos desenvolver a nossa consciência global e a transcender as fronteiras culturais, religiosas, nacionais, tornando conhecido o Deus de amor e justiça. Como Instituto unimo-nos a outros e assumimos uma posição corporativa contra o tráfico humano.

3 - Queremos “valorizar o todo” partilhando os nossos recursos humanos e financeiros para além de Províncias e Regiões, envolvendo-nos num processo de planeamento a nível de Instituto.

4 - Apoiamos a “formação para toda a vida” das nossas irmãs para que o carisma de Gailhac possa ser renovado e revigorado no mundo globalizado do século XXI

(conferir Documento final do Capítulo Geral de 2007)

Minhas Irmãs, deixemos que o espírito de Gailhac permaneça no mais profundo de nós mesmas. Estejamos bem atentas ao chamamento de Deus na realidade que à nossa volta nos vai desafiando e tenhamos a coragem de “manter viva a chama”.

## **Para Reflexão:**

Pense num novo ministério ou numa nova direção da sua Província ou n Instituto, que seja reflexo da visão de fé de Gailhac e, ao mesmo tempo, seja uma resposta a um novo chamamento de Deus na nossa realidade.

Acha que serve de exemplo para “manter viva a chama?”

Se sim, por que?

Se não, por que?

Kathleen Connel, RSCM

Abril de 2011

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
DEPARTMENT OF CHEMISTRY  
530 SOUTH EAST ASIAN AVENUE  
CHICAGO, ILLINOIS 60607

RECEIVED  
MAY 15 1964

TO THE DIRECTOR  
FROM THE DIRECTOR

RE: [Illegible]

[Illegible]

[Illegible]

[Illegible]

[Illegible]



*Ficha Técnica*

Edição:

*Religiosas do Sagrado Coração de Maria  
Província Brasileira - Belo Horizonte, 2013*

Conselho Provincial:

*Ir. Ana Helena Andreão  
Ir. Judith Caliman  
Ir. Marília da Paz Bellini*

Autora:

*Ir. Kathleen Connell, RSCM*

Projeto Gráfico:

*Coordenação - Ir. Lúcia Pereira de Rezende  
Diagramação e Capa - Lucienne do Carmo Félix Teixeira*

Impressão: ;

*Centro Provincial - Edição de 50 exemplares*



*Centro de Fontes  
email: cfontes@rscmb.com.br*



fontes  
- In Vitis - RSCMB



**Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria  
Província Brasileira**

Rua Cura D'Ars, 74 - Prado - CEP 30411-123  
Belo Horizonte - MG - Tel: (31) 3372.3470  
E-mail: cfontes@rscmb.com.br  
www.rscmb.com.br